

EMPREENDEDORISMO SOLIDARIO: UMA EXPERIÊNCIA SOCIAL UNIVERSITÁRIA

Autora: Ana Maria Seixas Pamponet

Instituição: UNIFASS – Faculdade Apoio

Coautor: Antonio Carlos Garcia Martinez Filho

Instituição: Universidad Pablo de Olavide

Resumo

O presente artigo tem como finalidade apresentar o projeto Empreendedorismo Solidário composto pela parceria entre a Unijorge (Centro Universitário Jorge Amado) e o Naspec (Núcleo Assistencial a Pessoas com Câncer), nos meses de fevereiro março e abril de 2014, tendo, mais precisamente, os alunos do curso Tecnológico em Gestão de Recursos Humanos como protagonistas das atividades planejadas. Tal projeto visou praticar os conceitos de aprendizagem problematizadora e significativa, da cidadania e do papel social das instituições de ensino, da gestão empreendedora, e da importância do empreendedorismo social e solidário na construção de uma cidadania proativa. Em paralelo aos fundamentos que buscavam solidificar a evolução do pensamento social, criou-se um plano de ação orientado para resultados e estimulou-se o engajamento dos alunos para o alcance dos resultados propostos, trabalhando suas características empreendedoras. As atividades foram brilhantemente concluídas e contaram com o desenvolvimento de habilidades requeridas a um empreendedor social, que batalha constantemente contra a escassez de recursos e a desassistência do Estado.

Palavras chave: educação problematizadora, aprendizagem significativa, empreendedorismo, empreendedorismo social, papel das universidades.

1. Introdução

O projeto “Empreendedor Solidário” nasceu a partir da disciplina de Empreendedorismo do primeiro ciclo do curso Tecnológico em Gestão de Recursos Humanos do Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE), em Salvador-Bahia.

A ideia do projeto iniciou a partir da inquietação gerado pelo envolvimento com a área social e os estudos dos autores provenientes de suas teses de doutorado em Direitos Humanos, por parte da autora, e Desigualdade e Intervenção Social, por parte do coautor. Esse fato culminou na concepção de uma prática educativa que favorecesse a integração dos alunos com a realidade social.

A execução do projeto ficou a cargo da autora, enquanto que a elaboração e a avaliação final ficaram sob responsabilidade conjunta dos autores envolvidos.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é descrever a experiência vivida no projeto desenvolvido junto ao Naspec (Núcleo Assistencial para Pessoas com Câncer) entre os meses de fevereiro e abril de 2014, apresentando o importante papel da educação problematizadora e significativa e a função das universidades na formação de alunos “empreendedores cidadãos”, trazendo fatores atuais para a transformação da realidade social.

A prática necessária ao desenvolvimento da disciplina buscou fortalecer a formação para a cidadania, a solidariedade e a integração das equipes, envolvendo todos os alunos, buscando desenvolver um perfil social abrangente que ultrapassasse as fronteiras da universidade.

O projeto representou também a inter-relação entre ensino, pesquisa e extensão, na medida em que fortaleceu a prática pedagógica promovendo no aluno uma visão mais humanitária das necessidades apresentadas na sociedade, e da importância do comprometimento da universidade para a construção de novas relações sociais, papel esse atribuído a sua própria essência como centro de saber. O objetivo central do projeto era, portanto, reconhecer determinadas demandas sociais e instigar o espírito empreendedor nos alunos, ensinando-os a prática de habilidades empreendedoras para lidar com determinadas situações.

A proposta foi apresentada aos alunos sugerindo uma sequência didático-metodológica para construção de um projeto, com as etapas a serem percorridas, as metas a serem alcançadas, os trabalhos planejados em grupo e o alcance do objetivo final na conclusão do trabalho, mensurando os resultados obtidos a partir do pleno exercício do empreendedorismo.

Neste artigo será apresentado o papel da educação na formação cidadã, a importância do envolvimento das universidades, o perfil do parceiro e a metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto “Empreendedorismo Solidário”. Esse projeto se consolidou com um balanço da experiência vivenciada, ressaltando os aspectos positivos e negativos compartilhados pela equipe.

2. A educação problematizadora X Aprendizagem significativa

A educação tem necessitado cada vez mais de alternativas metodológicas para enfrentar os imperativos apresentados pela velocidade das informações e pelo surgimento dos múltiplos conhecimentos exigidos na modernidade.

Diante disso, a educação não deve ser praticada de forma imperiosa, através de conteúdos rígidos desconsiderando o conhecimento dos alunos, ela deve propiciar que suas inquietações, experiências e interesses estejam no bojo do processo educacional. Dessa forma, é imprescindível que a construção de um diálogo reflexivo promova novas posturas diferenciadas daquelas impostas, incentivando uma apreciação crítica da sociedade.

A educação com base na problematização estimula a redução do comportamento passivo, incentivando posturas mais ativas socialmente que fortalecem o significado do agir, modificam a atitude, demonstram a conscientização e desenvolvem no aprendiz uma postura de transformador e beneficiário dos ganhos coletivos dignos da vida humana.

Segundo Rubem Alves (2001, p.1):

as escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

A educação deve assumir o papel de encorajadora e de facilitadora do aprendizado, apresentando alternativas metodológicas que problematizem as questões sociais, mas que construa alternativas que encorajem os alunos para a realização de práticas sociais.

Nessa perspectiva, a educação deve formar agentes sociais cidadãos que assumam o papel das mudanças através da criação de novos valores, promovendo a aprendizagem contínua, construindo relações transparentes e comprometidas com a comunidade e suas necessárias transformações.

Para Paulo Freire (1967, p.88),

o educando assimilaria o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade, em contraposição a por ele denominada educação bancária, tecnicista e alienante: o educando criaria sua própria educação, fazendo ele próprio o caminho, e não seguindo um já previamente construído; libertando-se de chavões alienantes, o educando seguiria e criaria o rumo do seu aprendizado .

A partir do pensamento de Freire (1967), o envolvimento do aluno poderá ser potencializado através do seu repertório cultural e experimental anteriores, possibilitando o aprendizado significativo na contrapartida do aprendizado mecânico, pois passa a ter um significado

comportamental na mudança da realidade social e no envolvimento necessário à formação do empreendedor cidadão.

Após a análise da importância da educação problematizadora, que se revela uma aprendizagem significativa, cabe agora expor os argumentos para construção de práticas que formem o empreendedor e, conseqüentemente, o empreendedor social, já que a realidade social deve ser refletida, significada e ressignificada pelos alunos através de projetos que possibilitem converter seus conhecimentos em ações práticas.

3. O empreendedorismo Social

Chiavenato (2007) expõe que “o empreendedor é a pessoa que consegue fazer as coisas acontecerem, pois é dotado de sensibilidade para os negócios (...) [que] o habilitam a transformar uma ideia simples e mal estruturada em algo concreto e bem sucedido no mercado” (CHIAVENATO, 2007, p.6). Porém, é necessário considerar que o caráter empreendedor é despertado por algumas conjunturas vivenciadas pelos indivíduos que geralmente partem de três premissas: uma, porque estão sem alternativas de vida (desempregados, por exemplo); a segunda, porque estão insatisfeitos com sua situação atual (mal empregados); e a terceira que é composta por aqueles notam alguma oportunidade de negócio, de criação ou de inovação.

Na vertente do empreendedorismo social, a motivação tende a surgir por meio de uma ideia de colaborar e do sentimento de solidariedade. Neste caso, a insatisfação com a situação social muitas vezes não se associa a própria situação, porém vislumbra o anseio de satisfazer uma necessidade alheia, irrigada por um sentimento de justiça social, sem exigir necessariamente elementos de inovação.

O significado de empreendedor social é, segundo Oliveira (2008, p.170), compreendido como:

uma arte e uma ciência, um novo paradigma e um processo de inovação em tecnologia e gestão social, e um indutor de auto organização social para o enfrentamento da pobreza, da exclusão social por meio do fomento da solidariedade e emancipação social, do desenvolvimento humano, do empoderamento dos cidadãos, do capital social, com vistas ao desenvolvimento local integrado e sustentável.

Assim, o empreendedorismo social tem como finalidade buscar a redução da pobreza, trabalhando a elevação do nível de vida e a retirada das pessoas da situação de risco, promovendo o desenvolvimento e a inclusão, propiciando condições para que as pessoas se desenvolvam e encontrem espaços de inserção na sociedade, fortalecendo as redes sociais.

Para Bispo (s/d, p.12) o empreendedorismo “sempre teve por finalidade o suprimento de carências do mercado, tanto na prestação de serviços quanto na concepção de novas ideias e produtos (...), o que torna cada empreendedor uma espécie de revolucionário em algum nível da sua sociedade”. Na vertente social deste conceito, a revolução está situada na busca pela equidade de condições, que avança sua atuação sobre o agravamento da ausência do Estado, o

crecente número de necessidades básicas desassistidas e o aumento da consciência social – o que fez surgir um número significativo de instituições sem fins lucrativos que assumiram a responsabilidade por reduzir o espaço de descaso governamental.

Em função dessa ausência, um novo modelo de relações sociais passou a existir entre as comunidades, o setor privado e o governo. As universidades particulares, como exemplo, vêm contribuindo no atendimento dos menos favorecidos nas áreas econômica, cultural, social e ambiental, através de ações desenvolvidas pelos seus alunos, incorporando o processo de construção das disciplinas nas atividades de ensino e extensão.

Segundo Oliveira (2008), é necessário desenvolver um novo paradigma que objetive a melhoria da vida nas comunidades e nas pessoas, combatendo a pobreza e a exclusão, promovendo o desenvolvimento local, a integração e a formação de redes entre os vários atores e segmentos organizados da sociedade.

O empreendedorismo com foco social deve, portanto, favorecer a promoção de ações que elevem o nível de vida dos cidadãos, baseando-se na retirada de pessoas em situação de risco, procurando promover a inclusão por meio de alternativas nas quais as pessoas se desenvolvam e encontrem espaços de inserção na sociedade.

Nessa perspectiva, a educação forma pessoas para se tornarem sujeitos políticos, mudando a visão econômica para a realização da transformação histórica e cultural do país. A educação emancipadora e popular transforma o cidadão que passa a dar importância à justiça social, a igualdade e a solidariedade, não só promovendo a autonomia do indivíduo e a dignidade, mas também buscando a equidade de direitos e redistribuição da renda para viver melhor em grupo.

4. A universidade que ensina e aprende a ser empreendedor.

Na gestão universitária, a gestão do conhecimento e a formação cidadã tornam-se caráter de obrigatoriedade para o enfrentamento dos novos desafios sociais. A teoria e prática devem formar parcerias para transformar futuros profissionais em pessoas cidadãs, que entendam e solidifiquem suas atuações na sociedade e, como pertencente dela, modifiquem seu próprio meio.

Promover a transformação social através do conhecimento é um dos maiores desafios da atualidade das universidades, já que lhe cabe, como núcleo de formação, a criação de valores compatíveis com a responsabilidade humana na sociedade, como futuros gestores e colaboradores das empresas.

Conforme elucida Bueno,

A universidade precisa incorporar na grade curricular das suas disciplinas e na definição dos problemas de pesquisa de que se ocupa, as reais demandas da sociedade brasileira, fazendo retornar, com conhecimento e resultados práticos, o investimento e a confiança nela depositados (BUENO, s/d, p.1).

Implementar metodologias educativas, que promovam o repensar do modelo de sociedade e convivência que encontramos na atualidade, torna-se um processo imprescindível para o fortalecimento do papel social das instituições de educação, principalmente, no que tange à educação universitária.

Como incentivadora do pensamento empreendedor social, a universidade se posiciona como executora de seus conceitos e vê, no seu papel de conscientização alheia, sua própria necessidade de praticar o empreendedorismo social, com o intuito de criar ações que também a consolidem como agente de transformação, na condição de pessoa (jurídica) que tem responsabilidade sobre o coletivo. Assim,

A função do empreendedor é reformar ou revolucionar o padrão de produção explorando uma invenção ou, de modo geral, um método tecnológico não experimentado para produzir um novo bem ou um bem antigo de maneira nova, abrindo uma nova fonte de suprimento de materiais ou uma nova comercialização para produtos, e organizando um novo setor. (SCHUMPETER *apud* BISPO *et al*, s/d, p.04).

Neste sentido, a Unijorge empreendeu envolvendo um grupo de alunos numa atividade de apoio ao Naspec, se responsabilizando por uma ação social e transmitindo o sentimento de que todos, enquanto cidadãos, possuem o mesmo dever social.

A universidade ainda foi responsável por facilitar o exercício do empreendedorismo como metodologia para reproduzir cenários reais e despertar nos indivíduos seus interesses e paixões através de processos sólidos e bem estruturados, criando a identificação dos alunos com determinadas áreas. “Ou seja, o negócio tem de combinar com o estilo de vida que o empreendedor sonhou para si” (SALIM *et al*., 2004, pp.2-3).

Vivenciar essa experiência pôde revelar se a área social motivava profissionalmente os alunos ao mostrar que o empreendedorismo social não pressupõe lucros para a maioria das organizações, mas almeja o ganho de valores baseados na ajuda ao próximo e nas conquistas coletivas, requerendo um interesse próprio para desenvolvê-lo. A motivação para o empreendedorismo social se origina, portanto, do caráter transformador, porque “o empresário pioneiro inova e lidera um processo de mudança que extrapola os domínios de seu negócio e da sua própria esfera de atuação” (MARTES, 2010, s/p). O terceiro setor possui desafios que soam estar relacionados com a escassez de recursos (principalmente financeiro) e requer uma habilidade para suportar esse tipo de situação.

A prática do empreendedorismo também apareceu como um dos papéis da universidade no desenvolvimento de competências que motivassem ideias e que permitissem o desfrute de experiências inovadoras. Essa prática requereu: um aumento da criatividade como ferramenta para lidar com situações carentes de flexibilidade, um incentivo à iniciativa do aluno inspirando-o a apresentar respostas rápidas às necessidades latentes do projeto e uma maior sensibilidade para descobrir oportunidades de geração de resultados em meio à insuficiência de recursos do Naspec.

A responsabilidade da universidade, finalmente, estava lançada sobre o aprender a aprender, ou seja, em evocar o pensamento crítico no aluno para permitir que ele avaliasse seu entorno e descobrisse novas demandas sociais, fossem elas de consumo (com a elaboração de um novo

produto ou serviço) ou de existência (como no caso das instituições assistencialistas como o Naspec). Historicamente o empreendedorismo evoluiu e trouxe consigo uma necessidade de respostas rápidas aos anseios da sociedade, cabendo ao empreendedor vislumbrar essa demanda e identificar nelas novas oportunidades, trazendo a inovação como palavra-chave.

A ideia da parceria com o Naspec também favoreceu a concepção da atividade enquanto projeto, requerendo planejamento e organização das pessoas e recursos para criar e manter as ideias em funcionamento. A visão holística do processo “engloba[va] também a necessidade de um planejamento que alcanç[ass]e todos os níveis do empreendimento” (BISPO, s/d, p.3), pois as tarefas precisavam posicionar-se de acordo com o objetivo geral, uma vez que uma boa ideia por si só não garante sucesso e nem se sustenta, sendo necessário saber administrar com eficiência. Tal estruturação global fazia parte do ensinamento sobre o empreendedorismo e reduzia os riscos de fracasso do projeto, deixando-o mais sólido.

O resultado esperado com o alunado nessa experiência estava baseado no desenvolvimento do CHA (competências, habilidades e atitudes) que enriquecesse seus atributos na condição de profissionais, pois “há atitudes empreendedoras e não propriamente um perfil empreendedor” (SALIM *et al.*, 2004, p.03).

Chiavenato (2007) alude três características básicas que identificam o espírito empreendedor e que se tentou criar, ainda que minimamente, nos alunos: (1) a necessidade de realização (impulso empreendedor); (2) a disposição para assumir riscos (desejo de tentar e arriscar os diversos fatores); e (3) autoconfiança (sensação que pode enfrentar os desafios e problemas).

Dentro desse contexto, as universidades podem consolidar ações que se oponham aos princípios que hoje permeiam o ambiente acadêmico e a cultura universitária, que se baseiam muito mais na profissionalização e no atendimento ao mercado de trabalho, e que se regem como se tal organização se deslocasse do eixo das necessidades da sociedade, e pudesse viver à parte dos acontecimentos sociais.

Nessa prática pedagógica, todos são atores e plateia, e trocam significativos aprendizados quando assistem às mudanças sociais e quando, pertencentes dessa sociedade de tantas necessidades, tornam-se agentes de mudanças. A partir de uma educação significativa, constroem o verdadeiro papel do cidadão que promove ações como empreendedor social. O empreendedorismo é utilizado, portanto, no ensino para o indivíduo ser seu próprio agente de transformação, de ser inovador, de estar à frente e de poder viabilizar cada anseio particular, sem esquecer seu papel como sujeito ativo de uma sociedade.

5. Contextualização do parceiro NASPEC - Núcleo Assistencial para Pessoas com Câncer.

É uma associação civil e filantrópica de assistência social e médico-hospitalar, sem fins lucrativos ou econômicos. Tem como missão prestar irrestrito apoio aos adolescentes e adultos carentes e com câncer, de Salvador (até mesmo em suas residências) e dos demais 416 municípios da Bahia, sem discriminação de raça, cor, credo, sexo, nacionalidade ou qualquer outra.

O NASPEC foi oficializado juridicamente em 04/05/96, porém, teve suas atividades iniciadas há mais de 26 anos, quando sua fundadora já apoiava carentes com câncer, na busca de minimizar sofrimentos e dignificar períodos de vida tão sofridos para milhares de pessoas.

Como instituição filantrópica sem fins lucrativos, segue as leis pertinentes a esse tipo de organização, contando com associados, mantenedores ou voluntários, sem receber qualquer parcela da receita ou do patrimônio, sendo aplicadas as arrecadações dos seus recursos unicamente aos objetivos institucionais, mantendo retidão e formalidade nas suas contas.

Distribui centenas de refeições dia e tem capacidade atual de 75 leitos hospitalares em enfermarias, equipadas com aparelhos e medicamentos que dão suporte aos casos graves e terminais. Assume todos os custos na permanência do paciente e de seu acompanhante, inclusive o transporte e acompanhamento para as unidades do SUS que os atende, disponibiliza pessoas para marcar consultas e exames com os profissionais que fazem cortesias para o NASPEC, mantendo programa de visitação aos que são internados para verificação de condições destes.

Os pacientes que não são recebidos pelos hospitais, por estarem em estado terminal, também são cuidados, visto que a missão visa prestar irrestrito apoio.

O Naspec conta com 8 médicos voluntários e uma equipe interdisciplinar que garante o tratamento de forma gratuita e voluntária.

6. Metodologia

O objetivo do projeto de Empreendedorismo solidário foi mobilizar os alunos do curso de Gestão em Recursos Humanos, promovendo uma ação social para uma instituição carente.

A metodologia utilizada foi a gestão participativa, em que todo o projeto foi discutido e definido entre os alunos e professores que desenvolveram o projeto de ação social.

O Naspec foi escolhido pela seriedade do trabalho, e pelas múltiplas necessidades apresentadas, no que tange à alimentação, produtos de limpeza e higiene pessoal, material para curativo, fraldas geriátricas, roupas e sapatos, esses últimos para serem vendidos em um bazar promovido pela instituição.

Os alunos, organizados em grupos estratégicos de atividades, tinham como responsabilidade fazer um planejamento (seguindo um roteiro de projeto social) que contemplasse todas as ações para arrecadação dos itens citados, promovendo um café da manhã na Unijorge, para arrecadação de dinheiro com objetivo de comprar fraldas geriátricas.

Para a realização do projeto, foi necessário estudos sobre empreendedorismo, levantando as características necessárias, os caminhos a percorrer e a importância para a sociedade, discutindo o conceito de Empreendedor Social e solidário.

Assim, consolidaram-se os conhecimentos para que se desenvolvessem as seguintes atividades:

1. Elaborar um planejamento com todas as ações: marketing, vendas, cooperação em grupo e metas a serem alcançadas por grupo e produtos a serem arrecadados.
2. Criar uma campanha para o café da manhã e para a arrecadação da doação.
3. Utilizar os conhecimentos de economia, para os cálculos de investimento e retorno financeiro;
4. Saber traçar as estratégias para a criação de um projeto solidário e utilizar os parâmetros do empreendedorismo social.
5. Semanalmente o projeto foi acompanhado e discutido com os alunos.
6. Organização de todos os itens coletados, separando-os por afinidade e embalando-os para entrega.
7. Entrega do material arrecadado para o Naspec e elaboração do relatório final com as avaliações do desempenho do grupo, explanando o que aprenderam, como aprenderam e pontos críticos para reflexão e melhorias.

7. Conclusão

Este artigo descreveu a experiência do Unijorge (Centro Universitário Jorge Amado) com o Naspec (Núcleo Assistencial para Pessoas com Câncer), demonstrando a real necessidade de transformar a prática educativa em aprendizado significativo, fortalecendo o papel atribuído às universidades de implementar práticas empreendedoras que impactem e transformem a realidade social.

Foram arrecadados, 120 quilos de alimentos, 244 unidades de produtos de limpeza, 937 produtos de higiene pessoal, 140 unidades de (gases, esparadrapos, dipirona (medicamento para dor e febre), álcool 70, luvas cirúrgicas, etc.) e 870 peças de roupas em bom estado de conservação.

Na ação do café da manhã, foram arrecadados R\$ 813,00 (oitocentos e treze reais), que foram utilizados para compra de fraldas geriátricas e alimentos, demonstrando a vontade dos alunos em conseguir cumprir suas metas e fortalecer seu papel social como empreendedor solidário.

A entrega das arrecadações foi marcada pela emoção dos alunos, muitos dos quais desconheciam o ambiente hospitalar onde são tratadas as pessoas com câncer, muitas vezes em estado terminal.

Percebeu-se a motivação e a união das equipes, visto que muitas vezes as ocupações cotidianas dos alunos/trabalhadores pouco permitiam a prática da solidariedade, porém, a quantidade de itens arrecadados, a organização dos grupos e a vontade de colaborar foram marcantes ao longo dos dois meses do projeto.

Dessa forma a aprendizagem problematizadora e significativa, teve lugar para o crescimento do grupo, envolvendo-os em uma realidade de uma sociedade da qual também são pertencentes, e que pode ser modificada através de ações solidárias como metodologia de aprendizagem, levando a educação e solidariedade para além dos muros da universidade.

A aprendizagem sobre o significado da vida e do cuidar através de ações de empreendedorismo solidário foi o tom encontrado pelos alunos, professores, coordenação do curso e pela própria Unijorge que, com essa ação, aprende e ensina, sendo a essência da gestão do conhecimento numa instituição educacional.

A facilitadora do processo declarou que houve um aprendizado sobre empreendedorismo solidário, papel do professor cidadão, e compromisso de tentar fazer a diferença como educadora, nesse mundo de tantas indiferenças.

Ao desenvolver essas ações, ficou claro na avaliação dos autores a importância do envolvimento dos alunos, já que demonstraram reponsabilidade cidadã e preocupação com a melhoria da dignidade humana. O projeto foi elaborado, acompanhado e avaliado considerando de forma crítica as possibilidades de melhoria prática, baseadas no conhecimento das desigualdades sociais e na visão humanitária que estão no bojo do conhecimento dos autores.

Acreditar nas múltiplas possibilidades de mudanças e intervenções sociais para melhoria da qualidade de vida, tornou o estudo um mecanismo que reforça o desenvolvimento de novas atitudes para fortalecer o papel cidadão das instituições de ensino superior.

Assim, o debate sobre as desigualdades sociais e a assistência à saúde deve encontrar refúgio nos meios acadêmicos, mobilizando o conhecimento na transformação e afirmação de valores éticos para uma vida coletiva e pública, formando empreendedores comprometidos com valores que se instituem como práticas transformadoras que valorizem a igualdade, os direitos, a liberdade de expressão e a transformação econômica e social dos menos favorecidos.

Uma sociedade que desfruta de sentimentos como a equidade e a cidadania não pode mais esperar por ações alheias, pois todos são (somos) responsáveis por tudo.

8. Referências

BISPO, Cláudio dos Santos, *et al.* **Empreendedorismo e Inovação**. Artigo. Salvador. Disponível em: http://www.ibes.edu.br/aluno/arquivos/artigo_empreendedorismo_inovacao.pdf. Acessado em 17 de abril de 2015.

BUENO, Wilson da Costa (n.d). **Universidade e Responsabilidade Social**. Universidade Metodista de São Paulo: São Paulo. Acessado em: 10 de Março de 2014. <http://www.metodista.br>

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. 2 ed. Editora Saraiva: São Paulo. 2007.

DAVID, Denise Elizabeth Hey. **Intraempreendedorismo social: perspectivas para o desenvolvimento social nas organizações** – Tese de doutorado – Florianópolis, 2004.

Disponível em http://www.unioeste.br/projetos/casulo/files/tese_denise_david.pdf>. Acessado em 21 março. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e Terra: São Paulo. 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro. 1967.

MARTES; Ana Cristina Braga. **Weber e Schumpeter: a ação do empreendedor**. Revista Economia e Política. Vol. 30. Nº 2. São Paulo, abril/junho 2010.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Editora Cortez: São Paulo. 2003.

NETO, Francisco P. de Melo; Froes, César. **Gestão da responsabilidade social corporativa: o caso brasileiro**. 2 ed. Qualitymark: Rio de Janeiro. 2004.

OLIVEIRA, Edson Marques (2008). **Empreendedorismo Social: da teoria à prática, do sonho à realidade**. Qualitymark: Rio de Janeiro. Disponível em: http://pensador.uol.com.br/autor/rubem_alves. Acessado em: 05 de abril de 2014.

OLIVEIRA, Edson Marques. **Empreendedorismo Social: da teoria à prática, do sonho à realidade**. Qualitymark: Rio de Janeiro. 2003.

SALIM, César Simões *et al.* **Administração Empreendedora: teoria e prática usando estudos de caso**. Editora Campus: Rio de Janeiro, 2004.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Responsabilidade social empresarial: teoria e prática**. 2 ed. FGV: Rio de Janeiro. 2006.